MOURA, Fátima. Literando. Instituto de Educação Moral. Reconstruir: a revista do educador, v.7, n.59, 17 jul.2007. Disponível em < http://www.educacaomoral.org.br/reconstruir/literando_edição-59.htm>. Acesso em 24 nov.2021.

A LITERATURA NO COMBATE AO RACISMO E PROMOÇÃO DA IGUALDADE - DESTACANDO A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NEGRA

THIAGO AUGUSTO RODRIGUEIRO

Resumo

É possivel notar que quando abordamos o tema racismo nos tempos atuais e algumas situações, percebemos uma leve melhorar no que desrespeito a defesa do povo negro e suas origens. Porém essa defesa muitas vezes vem carregada de negacionismo e preconceito oculto. Quando aprofundamos um pouco sobre o assunto vemos que ainda é gritante a repercussão do racismo na sociedade. É possível identificar a dificuldade das pessoas de tratar o racismo como forma estruturada na sociedade, ainda existe a ideia de que o racismo é superficial, que me torno não racista pelo fato de falar que não sou. Mas em seu pequeno manual antirrasta, Djamila Ribeiro deixa bem claro como temos dentro das nossas práticas o racismo estrutural. No mesmo livro ela argumenta que ao entrar em uma discussão ou um embate racial, nunca devemos dizer que não somos racistas, devemos sim afirmar qual é nossa prática na luta contra o racismo. Não é negando a história que vamos combater de forma eficiente o racismo estrutural, mas é assumir que vivemos em uma sociedade marcada por escravizar pessoas e por destruir culturas, e a autora nos leva a pensar, o que estamos fazendo para acabar com tais práticas? Pensando neste sentido, buscamos percursos e medidas para combater o racismo estrutural tão presente na sociedade e em nós, principalmente quando o assunto é educação. Por isso é fundamental a educação nesse processo de desconstrução do racismo. Uma das medidas que podemos adotar é a valorização da cultura africana no nosso cotidiano, através da leitura de literaturas negras que dão voz às pessoas que lutam por igualdade e respeito. Nesse sentido o nosso artigo é de suma importância, ele vai provocar a necessidade de ler e incentivar a literatura negra, valorizando estudos e culturas estudados por pessoas negras. Neste artigo o leitor vai descobrir como é importante ler autores negros e negras na construção de uma educação mais igualitaria do ponto de vista das pessoas que teem seu lugar de fala.

Palavras chave: Educação. Racismo. Literatura. Respeito.

Introdução

Neste artigo pretendemos destacar o quanto os movimentos relacionados à literatura negra têm crescido em nosso país, mas ainda, queremos que você se motive a participar desses movimentos, experience algumas possibilidades de se

ver a partir da leitura negra. Dentro do discutido neste artigo pretendemos colocar você leitor em posição de engajamento, de descoberta e promotor de versos e prosas, até então, pouco divulgados sobre o povo negro. Iniciaremos o artigo conhecendo a escritora Conceição Evaristo, quando, por ocasião de uma mesa temática ocorrida na Flip de 2016, ela reclamou ao curador do evento a ausência de autores negros em um dos maiores festivais literários do Brasil. Conhecer a história de vida dessa escritora é fundamental para chegarmos mais perto de seu projeto literário, uma vez que a sua vida e condição de mulher brasileira e negra são a matéria viva da sua literatura. Porque como ela mesma diz, em entrevista à revista Brasil de fato em 2017: não é possível "colocar vida de um lado e obra de outro".

Em nossos percursos pedagógicos para entender sobre o racismo e a promoção das igualdades raciais, destacamos o texto intitulado "Conceição Evaristo por

Conceição Evaristo" Depoimento concedido durante o 1º Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na faculdade de letras da UFMG.

Sou mineira, filha dessa cidade, meu registro informa que nasci no dia 29 de novembro de 1946. Essa informação deve ter sido dada pela minha mãe, Joana Josefina Evaristo, na hora de me registrar, por isso acredita ser verdadeira. Mãe, hoje com os seus 85 anos, nunca foi mulher de mentir. Deduzo ainda que ela tenha ido sozinha fazer o meu registro, portando algum documento da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. Uma espécie de notificação indicando o nascimento de um bebê do sexo feminino e de cor parda, filho da senhora tal, que seria ela. Tive esse registro de nascimento comigo durante muito tempo. Impressionava-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não sabia qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra. No entanto, é Conceição que também nos diz em entrevista à mesma revista, Brasil de fato, em 2018: "Antes de lerem nossos textos já fazem um pré-julgamento, ou dizem que a autoria negra é uma autoria de militância. Mas é preciso conhecer os textos. Peço muito para as pessoas que não leiam apenas minha biografia, porque ela é importante sim, porque ela contamina meu texto, mas por favor leiam meu texto"

A escrevivência como expressão literária

Ao nos aproximarmos da escritora Conceição Evaristo, por meio dos movimentos de literatura relacionados à literatura negra, podemos destacá-la como uma autora que rompe o silêncio, não apenas de um povo, mas, sobretudo, das mulheres desse povo. A intelectual negra manifesta pela literatura a sua experiência de vida e faz o que ela mesma intitula de "escrevivência". Este conceito está associado ao modo como a escritora revela através de seus textos sua experiência de vida. A "escrevivência" é o modo de construir um texto ficcional confundindo escrita e vida, ou melhor dizendo,

escrita e vivência" (EVARISTO, 2017).

E como a ideia aqui é que você experiencie a literatura e sinta na pele um pouco da verdade da literatura negra, aceitamos o convite da escritora, quando nos chama a ler os seus textos, e apresen-

tamos um texto de Conceição Evaristo, que é pura expressão literária é um exemplo pungente de sua escrevivência.

Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. Conceição Evaristo.

Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrito, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. A mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol, fazia-se a estrela no chão. Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles. E no círculo-chão, minha mãe colocava o sol, para que o astro se engrandecesse no infinito e se materializasse em nossos dias. Nossos corpos tinham urgências. O frio se fazia em nossos estômagos. Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofarem acumuladas nas tinas e nas bacias. A chuva contínua retardava o trabalho e pouco dinheiro, advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida? Mais um momento, ainda bem menina, em que a escrita me apareceu em sua função utilitária e às vezes, até constrangedora, era no momento da devolução das roupas limpas. Uma leitura solene do rol acontecia no espaço da cozinha das senhoras: 4 lençóis brancos, 4 fronhas, 4 cobre-leitos, 4 toalhas de banho, 4 toalhas de rosto, 2 toalhas de mesa, 15 calcinhas, 20 toalhinhas, 10 cuecas, 7 pares de meias, etc, etc, etc. As mãos lavadeiras, antes tão firmes no esfrega-torce e no passa-dobra das roupas, ali diante do olhar conferente das patroas, naquele momento se tornam trêmulas, com receio de terem perdido ou trocado alguma peça. Mãos que obedeciam a uma voz-conferente. Uma mulher pedia, a outra entregava. E quando, eu

menina testemunhava as toalhinhas antes embebidas de sangue, e depois, já no ato da entrega, livres de qualquer odor ou nódoa, mais a minha incompreensão diante das mulheres brancas e ricas crescia. As mulheres de minha família, não sei como, no minúsculo espaço em que vivíamos, segredavam seus humores íntimos. Eu não conhecia o sangramento de nenhuma delas. E quando em meio às roupas sujas, vindas para a lavagem, eu percebia calças de mulheres e minúsculas toalhas, não vermelhas, e sim sangradas do corpo das madames, durante muito tempo pensei que as mulheres ricas urinarem sangue de vez em quando. Foram, ainda, essas mãos lavadeiras, com seus sóis riscados no chão, com seus movimentos de lavar o sangue íntimo de outras mulheres, de branquejar a sujeira das roupas dos outros, que desesperadamente segura em minhas mãos. Foram elas que guiaram os meus dedos no exercício de copiar meu nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semianalfabetas. Foram essas mãos também que folheando comigo, revistas velhas, jornais e poucos livros que nos chegavam recolhidos dos lixos ou recebidos das casas dos ricos, que aguçaram a minha curiosidade para a leitura e para a escrita. Daquelas mãos lavadeiras recebi também cadernos feitos de papéis de embrulho de pão, ou ainda outras folhas soltas, que, pacientemente costuradas, evidenciaram a nossa pobreza, e distinguiam mais uma de nossas diferenças, em um grupo escolar, que nos anos 50 recebia a classe média alta belorizontina. Das mãos lavadeiras, recebi ainda listas de mantimentos, palavras cifradas, preços calculados para não ultrapassar o nosso minguado orçamento (sempre ultrapassaram) e lá ia eu, menina, às tendinhas, aos armazéns e às padarias perto da favela para fazer compras. Nesse exercício de quase adivinhar os textos escritos produzidos por minha família, quem sabe o meu aprendizado para um dia caminhar pelas vias da ficção. Ainda, uma de minhas tias, a que me criou, tinha por hábito anotar resumidamente em folhas de papéis, datas e acontecimentos importantes, desde fatos relacionados à economia doméstica, a acontecimentos sociais ou religiosos. Anotações familiares como: “A nossa última galinha d’angola fugiu semana passada, isto é, no final do mês de novembro”. “No dia 13 de dezembro, pus a galinha garnisé para chocar sobre nove ovos”. “Dona Etelvina de seu basílio voltou para São Paulo no dia 15 de agosto de 1965”. "Já paguei duas mensalidades para ajudar na festa da capela do rosário”. “Maria Inês, minha sobrinha ficou noiva no dia 22 de junho de 1969”. E à medida que eu crescia e os meus conhecimentos também, alguns desses eventos passaram a ser registrados por mim, como também passou a ser de minha responsabilidade cuidar de meus irmãos menores na escola, acompanhar seus deveres, ir às reuniões escolares e transmitir os resultados para mim mãe. De meus irmãos passei a acompanhar os deveres das crianças menores vizinhas. No pequeno quintal de nossa casa, debaixo das árvores, improvisei uma sala de aula. Das moedas, que me eram dadas pelas mães gratas pelo desenvolvimento de seus filhos na escola, surgiam meu primeiro salariozinho. Riqueza que me permitia comprar ora o pão diário, ora açúcar, ora o leite do irmãozinho menor, ora um caderno para mim, e às vezes

algum livrinho, (revistinhas infantis, gibis, que não sei porque eu considerava como sendo livro) ou ainda obter uma alegria maior: Doces, doces, doces. Mas digo sempre: Creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados à meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. de olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro, no corpo da noite. Na origem da minha escrita ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias, como ouvir conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós, era a talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeiro a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como “cabeça” da família, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isto, não afirmo. Afirmo, porém que foi do tempo/espaço que aprendi desde criança a colher as palavras. Não nasci rodeada de livros, do meu berço trago a propensão, o gosto para ouvir e contar histórias. A grande oportunidade para a leitura constante me chegou, quando eu, já quase mocinha, tinha a autonomia para ir e vir à biblioteca pública de belo horizonte, casa-tesouro, em que uma das minhas tias se tornou servente. Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporciona um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se inconscientemente desde pequena, nas redações escolares eu inventava outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra. E retomando a imagem da escrita diferencial de minha mãe, que surge marcada por um comprometimento de traços e corpo, (o dela e nossos) e ainda a um de diário escrito por ela, volto ao gesto em que ela escrevia o sol na terra e imponho a mim mesma uma pergunta. O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da

vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere "as normas cultas" da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para "ninar os da casa grande" e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos.

A "escrevivência" de Conceição Evaristo manifesta toda a literatura dessa escritora e evoca em nós a noção de lugar de fala, visto que a sua produção escrita ganha forma a partir da sua condição de mulher negra na sociedade brasileira. Conceição fala de si, expõe em sua escrita as marcas de suas vivências que emergem de um lugar de subserviência. Essa escrita é legítima e, portanto, legítima e favorece a auto representação das mulheres negras. É curioso notar que sua escrita coloca em questão as representações das mulheres afro-brasileiras, aquelas que existem no imaginário coletivo, e o que nos revela a possibilidade de novas representações.

Leia autores e autoras negras

Em seu Pequeno Manual Antirracista, a filósofa, ativista e autora Djamila Ribeiro (2019) apresenta 10 breves lições, numa linguagem comum aos manuais, que buscam mostrar sobre as origens do racismo e propor ações para combatê-lo. O livro ganhou em 2020 o Prêmio Jabuti na categoria de ensaios em Ciências Humanas. Na sétima lição, Djamila propõe:

Leia autores negros

Mesmo vencendo todos os obstáculos que acompanham a pele não branca e ingressando na pós-graduação, o estudante encontrará outro desafio: O epistemicídio, isto é, o apagamento sistemático de produções e saberes produzidos por grupos oprimidos. A renomada feminista negra Sueli Carneiro traduziu epistemicídio, conceito originalmente proposto pelo sociólogo português Boaventura Sousa Santos, em sua tese de doutorado da seguinte forma:

Alia-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do continente africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esse processo denominamos epistemicídio.

Os sinais de apagamento da pro-

dução negra são evidentes. É raro que as bibliografias dos cursos indiquem mulheres ou pessoas negras; mais raro ainda é que indiquem a produção de mulheres negras, cuja presença no debate universitário e intelectual é extremamente apagada. Durante os quatro anos de minha graduação em filosofia, não me sugeriram a leitura de nenhuma autora branca, que dirá negra. A gravidade disso está exemplificada por Abdias do Nascimento em O genocídio do negro brasileiro, no qual afirma que genocídio é toda forma de aniquilação de um povo, seja moral, cultural ou epistemológica. Por nossa posição no arranjo geopolítico global, a produção de intelectuais negras brasileiras tende a ser muito menos difundida do que a de países como os Estados Unidos, causando atraso em debates que poderiam estar muito mais avançados. Um belo exemplo de feminista negra brasileira é Lélia Gonzalez, atuante nas décadas de 1970 e 1980 e professora do curso de sociologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que encantou plateias com o poder transformador de suas palavras. As propostas de Lélia para pensar a "amefricanidade", propondo um feminismo afro-latino-americano, se perpetuam até hoje ao se propor uma luta transnacional. O apagamento da produção e dos saberes negros e anticoloniais contribui significativamente para a pobreza do debate público, seja na academia, na mídia ou em palanques políticos. Se somos a maioria da população, nossas elaborações devem ser lidas, debatidas e citadas. A importância de estudar autores negros não se baseia numa visão essencialista, ou seja, na crença de que devem ser lidos apenas por serem negros. A questão é que é irrealista que numa sociedade como a nossa, de maioria negra, somente um grupo domine a formulação do saber. É possível acreditar que pessoas negras não elaboram o mundo? É sobre isso que a escritora Chimamanda Ngozi Adichie alerta ao falar do perigo da história única. O privilégio social resulta no privilégio epistêmico, que deve ser enfrentado para que a história não seja contada apenas pelo ponto de vista do poder. É danoso que, numa sociedade, as pessoas não conheçam a história dos povos que a construíram.

Para escrever este pequeno manual, me inspirei em textos e livros de diversos autores e intelectuais negros, que cito com reverência as obras mencionadas estão nas referências bibliográficas, ao final deste livro. Leia: Abdias do Nascimento, Adilson Moreira, Alessandra Devulsky, Angela Davis, Audre Lorde, bell hooks, Carla Akotirene, Chimamanda Ngozi Adichie, Cida Bento, Conceição Evaristo, Elisa Lucinda, Grada Kilomba, Joel Zito Araújo, Joice

Berth, Juliana Borges, Kabengele Munanga, Lélia Gonzalez, Letícia

Carolina Pereira do Nascimento, Luciana Boiteux, Michelle Alexander, Neusa Santos Sousa, Rodney William Eugênio, Silvio Almeida, Sueli Carneiro. Há tantos outros: Clóvis Moura, Fernanda Felisberto, Nilma Lino Gomes, impossível citar todos. E muitos mais que não conheço ainda. As construções sobre raça se dão de forma singular e complexa nas diferentes regiões do país. Por isso, precisamos conhecer a produção de mulheres negras de fora das grandes metrópoles como Nilma Bentes, Zélia Amador e Marcela Bonfim e ampliar as nossas visões de mundo. Procure co-

nhecer o trabalho realizado por núcleos de estudos afro-brasileiros em universidades, valorize editoras que publicam produções intelectuais negras e apoie iniciativas que têm como objetivo a visibilidade de pensamentos decoloniais. Precisamos ir além do que já conhecemos.

Djamila nos fala da produção intelectual nas várias ciências, com destaque às Humanas, e não chega a priorizar em sua lição a produção literária, ainda que traga autoras que também façam literatura. Mas é interessante notar que a mesma ausência de autores e autoras negros das bibliografias dos cursos de graduação, também se revela nas estantes das bibliotecas escolares. Aproveitando-se do questionamento feito pela filósofa, perguntamos: É possível acreditar que pessoas negras não imaginem o mundo e o recriem a partir de seus olhos para nos contar outras histórias? Quando sabemos que é na educação infantil e básica que a criança constrói a sua identidade, busca identificar-se e amplia seus limites para compreender o mundo e a si mesma, quando vemos nos currículos que precisamos explorar habilidades nas crianças que demonstram a valorização de suas características de seu corpo, mas também as características de outras crianças e adultos com os quais ela convive, como desenvolver tais aspectos se excluímos delas o reconhecimento em obras literárias? E aqui, é importante destacar, que não apenas crianças negras precisam se ver reveladas na literatura, mas também crianças brancas precisam ser reveladas pela presença negra na literatura.

Ler autores negros e negras é um exercício importante para brancos e negros. É um desdobrar-se para buscar se opor aos estereótipos construídos historicamente que colocam as pessoas negras em posição de subalternidade, bestialidade e empobrecimento sociocultural, é também abraçar a necessária pluralidade de ideias. Para acabar com o racismo, ler autores negros e negras é uma ação gigantesca e intelectual. É, ainda, a defesa pública de que não queremos mais perpetuar a discriminação e o preconceito de um grupo étnico-racial que historicamente foi vitimado pela violência física, psicológica, econômica, social e moral.

A literatura e seus movimentos que vão além dos livros: a literatura negra contemporânea presente nos meios digitais

Em 2017, Conceição Evaristo abriu um outro festival literário, dessa vez em Salvador, na Bahia, a Flipelô (Festa Literária Internacional do Pelourinho), organizado pela Fundação Casa de Jorge Amado. Na abertura, ela disse: “Não foi o Prêmio Jabuti que me fez. Não foi a FLIP (Feira Literária Internacional de Paraty) que me fez. Foi o movimento negro que me deu carta de passagem. Especialmente as mulheres negras, que levaram meus textos para as escolas e para a academia. Foram as editoras negras que acreditaram no meu trabalho. Hoje agradeço a mídia pela divulgação, mas ela só me descobriu depois que vocês me mostraram”.

Publicar no Brasil em grandes editoras, de maneira que os livros sejam distribuídos, vistos e vendidos, não é ainda uma realidade para a grande maioria de autores e autoras negras, como denuncia Conceição Evaristo. Ainda assim, para

além do nosso conhecimento e informação, há literatura afro-brasileira contemporânea sendo produzida e publicada por pequenas editoras alternativas, nos perfis das redes sociais, nos diversos suportes dos meios digitais. Neste momento, convidamos você a mais uma experiência. Abrimos aqui um espaço para a indicação de nomes da literatura afro-brasileira que estão disponíveis, para fácil acesso e compartilhamento de seus textos. Poderemos conhecer também autores que, mesmo tendo seus livros publicados e premiados, não são de conhecimento ainda do grande público e não são contemplados por prêmios e programas de indicação. É importante ressaltar que hoje existem indicações em literatura negra, são obras altamente recomendável/FNLIJ, mas elas só fazem sentido se o professor/professora tiver experimentado, tiver lido, e tenha sido tocado ou não por elas. Não há como fazer escolhas, não há como acatar escolhas dos outros se não lermos, se planejarmos a partir de novas referências. E o primeiro passo para isso, é saber que existem obras que ainda não fazem parte do cânone e se aventurar em conhecê-las, experimentá-las, como estamos dizendo aqui. Vamos conhecê las:

Cidinha da Silva - Maria Aparecida da Silva, nascida em Belo Horizonte em 1967, é uma escritora brasileira graduada em História pela UFMG e doutoranda em Mapeamento das Políticas Públicas para o Livro, Leitura e Literatura e Bibliotecas no Brasil com Recorte de Africanidades e Relações Raciais na UFBA. Com 17 livros publicados, Cidinha foi ganhadora do prêmio da Biblioteca Nacional em 2019 pelo livro de contos Um exu em Nova York em e finalista do Prêmio Jabuti pelo ensaio "Explosão Feminista". Sua escrita traz temas, como ancestralidade, auto estima, racismo, causa LGBTQI+ e um diálogo entre tradições e contemporaneidade. Além disso, Cidinha é também dramaturga e presidiu o Instituto Geledés e foi gestora de cultura da Fundação Cultural Palmares em 2015.

Nina Rizzi - Poeta, tradutora, pesquisadora e editora, Nina Rizzi nasceu em Campinas em 1983 e mora atualmente em Fortaleza. Promove o "Escreva como uma mulher!" - laboratório de escrita criativa com mulheres. Autora dos livros Tambores pra N'zinga – livro de poesia, publicado pela editora Orpheu e Multifoco, em 2012; A Duração do Deserto – livro de poesia, publicado pela editora Patuá em 2014; Geografia dos ossos – livro de poesia publicado por Douda Correria em Portugal; Quando vieres ver um banzo cor de fogo – livro de poesia, publicado pela editora Patuá em 2017 e Sereia no copo d'água livro de poesia, publicado pelas Edições Jabuticaba em 2019. Coedita a revista Escamandro – de poesia, tradução e crítica. Para download de seus livros e mais informações, você pode encontrar em seu blog A poema.

Ryanne Leão - Nasceu em Cuiabá em 1989 e mora hoje em São Paulo. Formou-se em Letras na UNIFESP e, em 2008, começou a divulgar seus textos em "lambe-lambes", que ela mesma espalhava pela cidade, e também no seu perfil no Instagram, além de participar de saraus e slams. Em 2016, realizou uma campanha de financiamento coletivo para o lançamento de seu primeiro livro. No ano seguinte publicou Tudo Nela Brilha e Queima, pela editora Planeta.

Aza Njeri - É doutora em Literaturas Africanas, pós-doutora em Filosofia Africana, pesquisadora de África e Afrodiáspora em cultura, história, literatura, filosofia, teatro, artes e Mulherismo Africana. Coordena o Núcleo de Estudos Geracionais sobre Raça, Arte, Religião e História do Laboratório de História das Experiências Religiosas (UFRJ), onde desenvolve pesquisa voltada para estudos afroperspectivados sobre África e Afrodiáspora, nas áreas de arte, religião, história e questões étnico-raciais. Como escritora, publicou a obra Rasgos, seu livro de poemas, em 2017.

Você pode ainda conhecer outras autoras e autores visitando perfis que se dedicam a divulgar autoras negras nas redes sociais e sites que trabalham na catalogação de autores e autoras afro-brasileiras.

Mulheres Negras na Biblioteca: projeto de incentivo à leitura de obras de escritoras negras. No Instagram: @mulheresnegrasnabiblioteca. No Facebook: Mulheres Negras na Biblioteca.

O site LITERAFRO: o portal da literatura afro-brasileira. http://www.letras.ufmg.br/literafro/.

Como assumir a bibliodiversidade

Palavra criada pelos editores sul-americanos: a bibliodiversidade tem sido usada em boa parte do mundo. Significa a ação em defesa do direito ao pensamento e à reflexão sobre os mais variados aspectos. A bibliodiversidade ajuda na construção de ações para um país de leitores e como o próprio nome diz, ela se relaciona à defesa da diversidade cultural, étnica, racial e de gênero. É uma ideia nova que vem sendo incorporada pelos atores do mercado do livro autores, editores, livrarias, entidades do setor no momento ainda aparecem muitos questionamentos sobre essa ideia, não há ainda um conceito claro, mas há espaço para torná-lo produtivo e acolher o livro e a leitura de modo mais diversos e amplos possíveis.

O conceito de bibliodiversidade se relaciona com o de biodiversidade, conceito que nos mostra que a existência de uma vida diversa é sustentada pelo equilíbrio. Assim também é com os livros, com as publicações: Criar e manter um equilíbrio entre os diferentes projetos editoriais por meio da democratização do livro e da leitura.

Conclusão

Concluímos então que a literatura é fundamental para o exercício da cidadania de um povo. Precisamos romper com a história sendo contada só de um ponto de vista, é preciso dar voz a todos igualitariamente. A literatura negra é vasta, e rica de cultura e conhecimento, precisamos entender de uma vez por todas que o povo negro e sua cultura precisa ser valorizado, que não basta só dizer que não é racista, não basta só não contar piadinhas de carater preconceituoso, não basta só comprar um livro de um autor negro para afirmar sua posição, é mais do que isso. É preciso ser antirracista, é adotar no seu cotidiano e nas suas praticas, principalmentes as pedagógicas, atitudes de combate ao racismo estrutural e suas formas presentes na sociedade. Como Djamila Ribeiro propõe de uma forma incrível e sabia “sejamos todos antiracista” não importando sua origem ou sua cor.

Concluímos também que é preciso utilizar a literatura negra em conjunto com as outras literaturas, construindo ainda mais o acervo cultural e diverso presente na nossa sociedade. E por fim devemos propiciar igualdade literária com valorização e respeito a todos os povos.

Bibliografia

ADICHIE, Chimamanda Ngozie. O Perigo de uma História Única. São Paulo:

Companhia das Letras, 2018.

_____. Para educar crianças feministas: um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ALEXANDRE, Marcos Antônio. (org.) Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.

ALMEIDA, Silvio. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALVES, Alessandra. "'A literatura é o lugar para expurgar a dor do racismo', afirma Conceição Evaristo". Brasil de Fato. Salvador: Bahia.

Disponível em:

https://www.brasildefato.com.br/2017/08/12/a-literatura-e-o-lugar-para--expurgar - -a-dor-do-racismo-afirma-conceicao-evaristo Acesso em 13 de maio de 2021.

ANDRUETTO, Maria Teresa. Por uma literatura sem adjetivos. Trad. De Carmem Cacciacarro, São Paulo: Editora Oulo do Gato, 2012.

ARAÚJO, Alberto Filipe e TEIXEIRA, Maria Cecília S. Gilbert Duran e a pedagogia do imaginário. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 44, n.4, p.7-13, 2009.

ARBOLEYA, V.J. "O negro na literatura infantil: apontamentos para uma interpretação da construção adjetiva e da representação imagética de personagens negros". In: Revista África e Africanidades. Ano I, n.3. Nov. 2008. Disponível em: http://www.africanidades.com.br/documentos/O_negro_na_li teratura_infantil_apontamentoss.pdf. Acesso em: 20 dez 2020.

BERND, Zilá. Literatura e identidade nacional. 3. Ed. Porto Alegre: Editora da UFGRS, 2011. _____. Introdução à literatura negra. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. Poesia negra brasileira: antologia. Porto Alegre: AGE, IEL, IGEL, 1992. BRANDINO, Luiza. "Literatura negra"; Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/ literatura/literatura-negra.htm. Acesso em 24 de abril de 2021.

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro- -Brasileira", e dá outras providências.

Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

_____. Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da te-